



## HERANÇA FOUCAULTIANA: A CORAGEM DA VERDADE

CARLOS ROBERTO DA SILVEIRA<sup>1</sup>,  
CLAYTON ROBERTO MESSIAS<sup>2</sup>, DAVID DA SILVA PEREIRA<sup>3</sup> E  
JEAN LUCAS DA SILVA QUEIROZ<sup>4</sup>

**RESUMO:** Em seu último Curso no *Collège de France*, entre fevereiro e março de 1984, Michel Foucault pronunciou *A Coragem da Verdade*. De certa forma, encerra-se uma trilogia importante formada pela *Hermenêutica do Sujeito*, seguida pelo *Governo de Si e dos Outros*. Mais uma vez, a questão da governamentalização se une ao cuidado de si ao dizer a verdade sobre si, para configurar uma longa história filosófica que tem origem nos pré-socráticos e foi concluída nos primeiros séculos desta era, especialmente a partir da contraposição entre práticas cínicas e as cristãs. Por meio da recuperação dessa trajetória, com ênfase nesse último Curso, este artigo celebra as contribuições de um dos mais prestigiados filósofos contemporâneos, especialmente sobre a Ética, tão cara e fundamental, podendo ser uma ferramenta para as práticas docentes da atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Parrhesía*. Ética. Cuidado de si. Governo. Governamentalidade.

**ABSTRACT:** In his last Course at the *Collège de France*, between february and march 1984, Michel Foucault pronounces *The Courage of Truth*. In a way, this concludes an important trilogy formed by the *Hermeneutics of the Subject*, followed by the *Government of Self and Others*. Once again, the issue of governmentalization joins the care of oneself in telling the truth about oneself, to configure a long philosophical history that has its origins in the pre-Socratics and was concluded in the first centuries of this era, especially from the contrast between cynical practices and christians. Through the recovery of this trajectory, with an emphasis on this last Course, this article celebrates the contributions of one of the most prestigious contemporary philosophers, especially on Ethics, so expensive and fundamental, and can be a tool for today's teaching practices.

**KEYWORDS:** *Parrhesía*. Ethics. Self-care. Government. Governmentality.

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade São Francisco (USF). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: carlos.silveira@usf.br.

<sup>2</sup> Professor de Educação Profissional e Tecnológica no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e professor de História, Filosofia e Sociologia no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). Doutor em Educação pela Universidade São Francisco (USF). E-mail: prof.claytonmessias@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor Associado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutor em Educação pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNIFESP). E-mail: davidpereira@utfpr.edu.br.

<sup>4</sup> Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza pela Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR). E-mail: jeanlucas.nac@gmail.com.

Em seu último Curso no *Collège de France*, entre janeiro e março de 1984, Michel Foucault pronunciou *A Coragem da Verdade*. De certa forma, essa obra encerra uma trilogia importante, formada pela *Hermenêutica do Sujeito*, seguida pelo *Governo de Si e dos Outros*. Mais uma vez, a questão da governamentalização se uniu ao cuidado de si e ao dizer a verdade sobre si para configurar uma longa história filosófica que tem origem nos pré-socráticos e é concluída nos primeiros séculos desta era, especialmente, a partir da contraposição entre práticas cínicas e as cristãs.

Tentativas de resgatar a discussão sobre subjetividade e verdade foram realizadas por Foucault. De alguma forma, remontam ao retorno desse filósofo de um ano sabático 1976-1977, momento também da escrita dos volumes II e III da *História da Sexualidade* e dos *Cursos do Collège de France*, da escrita do único Curso realizado em Louvain e de outros em Instituições estadunidenses.

Entre os primeiros cursos, destacam-se *Segurança, Território, População*, de 1978, *Nascimento da Biopolítica*, de 1979, e *Governo dos Vivos*, de 1980. Em que pesem algumas análises mencionarem todo esse período 1978-1984 e seus sete Cursos como relevantes na direção da subjetividade, parece que é mais próprio de um “mergulho final foucaultiano” o período 1980-1984, que inclui, além do Curso de 1980, *Malfazer, Dizer a Verdade*, de 1981, e o do próprio *Collège de France* de 1981, *Subjetividade e Verdade*.

Contudo, o que se propõe aqui é tratar do último Curso – *A Coragem da Verdade* (Foucault, 2011) –, com retornos pontuais aos dois que o precederam – *A Hermenêutica do Sujeito* (Foucault, 2014) e o *Governo de Si e dos Outros* (Foucault, 2018a) – e o antecedente de 1981, *Malfazer, Dizer Verdadeiro* (Foucault, 2018a), ministrado na Bélgica.

A primeira seção deste artigo, “A coragem da verdade”, trata brevemente de alguns pontos centrais sobre o último Curso de Foucault, em especial, sobre a verdade, a *parrhesía*, com enfoque no cinismo. Do Cinismo, em especial, relembramos da aula do dia 14 de março de 1984, sobre a vida filosófica cínica, três momentos da ousadia *parrhesiasta*, sendo estes a ousadia política, a ironia socrática e a coragem cínica de Diógenes. Convém lembrar que em aulas anteriores, as do dia 10 de março de 1982, Foucault tratou da *parrhesía* helenística.

Na segunda seção, “A Coragem da Verdade em relação ao Governo de Si e dos Outros”, a emergência da *parrhesía* em contextos agonísticos e suas faces como noção de longa duração na História da Filosofia ocidental.

Na terceira seção, “A Coragem da Verdade em relação à Hermenêutica do Sujeito”, retoma-se o papel de Sócrates como o mestre do cuidado e exemplo maior de *parrhesiasta*.

Na última, “A Coragem da Verdade em relação ao Malfazer, Dizer a Verdade”, observa-se todo um jogo hermenêutico que desencadeará a transladação de práticas regradadas, codificadas, normatizadas pelas instituições eclesiais que eram incumbidas da persecução penal e, por isso, responsáveis pela constituição da prova e, a partir dessa, uma ressignificação da confissão, noção igualmente de origem arcaica.

Dessa forma, como eixos centrais desta investigação contínua, o *souci de soi* e o *dire vrai sur soi même* conformam um resgate histórico-filosófico das ideias de cuidado de si e do dizer verdadeiro, também referidas no *Curso de Louvain*, de 1981, para ter nessas duas expressões a emergência de práticas que podem ajudar o presente e o percurso filosófico, além da prática docente enquanto instrumentais éticos.

Por meio da recuperação dessa trajetória, com ênfase nesse último Curso (Foucault, 2011), este artigo celebra as contribuições de um dos mais prestigiados filósofos contemporâneos, especialmente no aspecto ético, podendo-se pensar nas práticas docentes da atualidade. Ética, tão implicada no cuidado de si e no dizer verdadeiro e atravessada pelo governo e pela governamentalidade, e, de alguma forma, retorcida e desviada pelo modo como institucionalmente se buscou submeter o sujeito a um mestre permanente.

Sem dúvida, trata-se de questões que contrapõem a Filosofia pagã e o Ascetismo/Monasticismo cristão institucionalizados, mas que também mobilizam ideias e movimentos que chegaram ao presente, ainda com apelo significativo. Por essa razão, partir-se-á de um certo roteiro do último Curso: *A Coragem da Verdade*, para pontuar questões e passagens dos dois anteriores e do Curso isolado da Bélgica.

### **A Coragem da Verdade**

O Curso *A Coragem da Verdade* (Foucault, 2011) foi realizado entre 01 de fevereiro e 28 de março de 1984. Foucault já estava bem debilitado, em função dos efeitos da AIDS, e desculpava-se por não ter começado o curso em janeiro, como era previsto. Passado alguns meses, ele falece no dia 25 junho de 1984, deixando uma herança filosófica inconclusa.

Herança essa resgatada da Antiguidade grega sobre a *parrhesía*, como prática do dizer a verdade sobre si mesmo, um “modo de vida” verdadeiro do sujeito no cuidado de si, para uma vida filosófica. Quem sabe certas virtudes daquele passado possam ser resgatadas na atualidade, como possível ferramenta em nossas práticas docentes.

Convém lembrar que o Curso de 1984 retoma o *dire vrai sur soi*, já trabalhado explicitamente em 1983, em *Governo de Si e dos Outros*, a partir da trama de Íon. A Tragédia de Eurípedes se centraliza no nascimento de uma criança (Íon), de sua mãe (Creusa) que fora violada pelo deus (Apolo) e a busca (de Íon) pela verdade, uma peça trágica importante na história da *parrhesía*. Após idas e vindas, Foucault expõe quatro emergências ao dizer a verdade sobre si sob risco imenso. Nessa retomada, a centralidade da abordagem foucaultiana está nos cínicos e em uma Filosofia despojada, objetiva, direta e provocadora.

A figura central é Diógenes, que se apresenta praticamente em todas as aulas para significar o “modo de vida” ou seja, o modo de vida filosófico do sujeito cínico diante de uma democracia em ruínas, posição crítica de um cão, frente às verdades da pólis em decadência e crises. Bem lembra Gros (2005, p. 159) ao afirmar que: para Platão, o tudo dizer da *parrhesía* virou nas democracias um “dizer qualquer coisa”, um “dizer tudo e seu contrário”. Essa é a grande crise da *parrhesía* de Atenas no século IV, vale como questionamento geral da democracia para a filosofia política [...].

Sobre tais crises, cabe-nos apresentar uma breve passagem do que se conta sobre Diógenes, o cínico, frente a esta democracia em ruínas. Na obra denominada *Diógenes à venda*, Êubulos declara que os filhos de Xeníades – que havia comprado Diógenes como escravo – foram educados por Diógenes. Além do aprendizado necessário das disciplinas, atividades atléticas, literárias etc., ele ensinou as crianças a cuidarem de si, a não se preocuparem com bens materiais e ornamentos. Diógenes de Laêrtios (2014) declara que, segundo Êubulos, Diógenes de Sinope envelheceu junto a Xeníades e, quando morto, foi sepultado pelos seus filhos que muito o consideravam. De acordo com Laêrtios (2014, p. 160), Xeníades ao perguntar como queria ser sepultado, disse-lhe Diógenes: “‘com o rosto para baixo’ [...]. ‘Dentro de pouco tempo o que está embaixo passará estar em cima’, querendo dizer com essa resposta que os macedônios iriam dominar, ou seja, de humildes que eram, tornar-se-iam poderosos”. Importante também lembrar que Diógenes de Sinope, o andarilho forasteiro, se considerava, o único herdeiro de Sócrates e conta-se que, certa vez, perguntaram a Platão: “‘Que espécie de homem pensas que Diógenes é?’ A resposta de Platão foi: ‘um Sócrates demente’” (Laêrtios, 2014, p. 165). Portanto, a vida como “modo de vida” refletida de Sócrates, foi seguida com profundidade por Diógenes em sua filosofia cínica a seu modo e, por isso, a coragem da verdade foi retomada por Foucault por meio dessas raízes.

É importante lembrar que na aula do dia 14 de março de 1984, Foucault (2011, p. 203; 2009, p. 213) tratou sobre a vida filosófica cínica ao apontar que “o cinismo ao longo de toda

a sua existência, desde a época helenística até o início do cristianismo, foi, na paisagem da filosofia, do pensamento, da sociedade greco-romana, ao mesmo tempo muito familiar e estranho. Ele foi ordinário, banal e inaceitável”. Para Foucault (2011, p. 204), o cinismo se constituiu numa espécie de paradoxo, um espelho quebrado da filosofia antiga. Daí, a necessidade de compreender melhor “como o cinismo pode dizer no fundo o que diz todo mundo e tornar inadmissível o próprio fato de dizer”. Para ele, o cinismo provocou e colocou em questão uma nova forma, quanto ao problema do “tempo político e filosófico” da coragem e ousadia da coragem da verdade.

Foucault (2011) desenvolverá um breve apontamento sobre três momentos dessa ousadia pela verdade. Primeiro, a ousadia política, a coragem, quer seja do democrata diante da assembleia ateniense, quer seja do cortesão diante do príncipe, em que se arrisca a vida ao dizer a verdade. Segundo, trata-se da ironia socrática, método da verdade:

Era o seu ofício divino [Sócrates], ajudar a parir novas ideias através do método da Ironia e Maiêutica. A palavra ironia (*ironéia*) não se trata de constrangimento, de deboche, mas de instrumento de aporia, de exame e entendimento, pois deriva da palavra grega *eirein*, ou seja, “dizer” sobre as coisas, purificando o pensamento. Após esta fase, entra-se no processo de gestação e parto com a maiêutica (*maieutiké*), pois é preciso dar luz às novas ideias. Tal método, inicialmente, promove a descrença dos fundamentos discursivos dos interlocutores, tornando-os frágeis (Ironia). Em seguida (Maiêutica), Sócrates faz com que seus interlocutores sintam-se grávidos de ideias e depois, passem a sentir as dores do trabalho de parto (Silveira, 2014, p. 111).

De acordo com Foucault, Sócrates estava sujeito à cólera, à vingança por certas pessoas da *pólis*, que o viam como um perigo. Portanto, com a sua ironia, Sócrates colocou a sua vida em risco e que se consumou em execução. Interessante porque o “modo de vida”, o ofício divino de Sócrates, nada mais era do que um filosofar: “‘exercício de morte’ (*meléthe thánatou*), ascese filosófica, exercícios de cuidado para com alma (*phrónesis*), no sentido de que os prazeres exigidos pelo corpo, não dominem a razão, o verdadeiro, o divino” (Silveira; Mascia; Azeredo, 2020, p. 300).

O terceiro momento trata-se da coragem cínica da verdade, ou seja, “condenar, rejeitar, desprezar, insultar pelas pessoas a própria manifestação do que elas admitem ou pretendem admitir no nível dos princípios” (Foucault, 2011, p. 205), em que se arrisca a vida, não somente por dizer a verdade, mas pela maneira insolente em que se propõe a viver, ou seja, diferente da coragem política e da ironia socrática, Diógenes permitiu-lhe uma vida exposta ao escândalo cínico, tal qual um cão, ao sustentar a sua *parrhesía*.

Um outro momento foi tratado por Foucault. Trata-se do helenístico, em que se encontra em outro curso, o da *Hermenêutica do Sujeito*, Aula do dia 10 de março de 1982, no qual investiga a *parrhesía* em Filodemo, Galeno e Sêneca.

Segundo Gros (2005, p. 162), foi nos passos de Sócrates que Foucault se interessou pela Filosofia Cínica dos gregos, na forma como se falava, na franqueza, na aspereza rude e provocadora de um modo de vida particular: “uma vida de errância rústica e de pobreza, um manto imundo, um alforge e uma barba hirsuta. É exatamente esta trama que interessa a Foucault, essa implicação recíproca entre um estilo de vida e uma certa veridicção”. Também na visão de Pierre Hadot, segue-se os seus passos, nesta passagem:

Xenofonte, Platão, dentre outros, escreveram sobre ele [Sócrates]. Discípulos fundaram escolas animados por seu mestre. Antístenes fundou a Escola Cínica e preconizou a austeridade e a tensão, o que influenciaria o Estoicismo. Aristipo funda a Escola de Cirene, baseada numa “Arte de Viver” que influenciará o Epicurismo. Euclides funda a Escola de Megara, famosa pela arte da dialética. Platão funda a Academia, acompanha o seu mestre e cria o seu pensamento filosófico (Silveira, 2014, p. 115).

Assim, mesmo depois de mais de dois milênios, acredita-se que certas atitudes éticas daquele passado possam ser resgatadas na atualidade, como possível ferramenta em nossas práticas docentes, no sentido de assumirmos uma certa filosofia como “modo de vida”, ao se alimentar em ato, pela fala, ou seja, práxis coerente ao discurso, numa relação de conhecimento de si, cuidado de si, no sentido de, enquanto docente, poder de alguma forma cuidar do outro.

Portanto, são essas algumas passagens centrais contidas neste último Curso, o modo pelo qual Sócrates é resgatado como o *parrhesiasta*, seguido por Diógenes, de cujas manifestações desse dizer verdadeiro sobre si, na Antiguidade, emergem os cínicos e o “fechar do ciclo” de um extraordinário encerramento, por meio do qual Foucault chega aos primeiros dois séculos da Era Cristã e às apropriações que a instituição Igreja realizou a partir da tradição filosófica e de seus dogmas.

### **A Coragem da Verdade em relação ao Governo de Si e dos Outros**

*O Governo de Si e dos Outros*, de 1983, funciona como uma espécie de grande primeira parte de uma problematização que se aprofundará em *A Coragem da Verdade*, por meio dos cínicos. Nesse Curso, a proposta é a de “ver como o dizer-a-verdade, a obrigação e a possibilidade de dizer a verdade nos procedimentos de governo podem mostrar de que modo o indivíduo se constitui como sujeito na relação consigo e na relação com os outros” (Foucault, 2018b, p. 42).

A noção de *parrhesía* emerge já na segunda aula como uma das práticas particulares da Antiguidade, como fala franca no âmbito das direções de consciência. Era uma virtude, um diferencial, mas também um dever: técnica e procedimento para saber se servir da *parrhesía* que caracteriza o ser humano, incumbido de dirigir os outros na direção da constituição de uma relação consigo (Foucault, 2018b).

Situa-se nos dois primeiros séculos desta Era, o que se denomina de uma “cultura de si”. É mesmo uma espécie de momento precioso – uma era dourada – de toda uma técnica e de uma arte que se aprende e que se exerce na condução da consciência dos outros. Relação com o outro, pois, fundamental. Contudo, essa relação não opera no modo de uma subordinação ou de uma obediência, mas como preocupação com o outro, como fala franca, não da parte do que busca a cura, mas por iniciativa de quem ouve.

O cuidar de si, portanto, indexado a um outro, que usa de *parrhesía*, ao modo de um espelho que, mais do que refletir, orienta, aponta, auxilia por meio de uma escuta intencional, comprometida e que emite pareceres, que aconselha, que impulsiona, que assevera quanto ao equilíbrio, à temperança e ao domínio de si.

Algo bem distinto do que se verá, portanto, no modo como as instituições eclesiásticas da Cristandade nascente empregaram, por meio de uma relação de condução de condutas, não mais fundada na amizade, mas na obediência, no esvaziamento e na submissão absoluta. Isso porque o mestre também se esvaziará de si em um processo amplo de mortificação para este mundo.

Contudo, de volta à escuta comprometida e aderente a uma verdade que é verbalizada, que é dita sob certo risco, assim como o servo solicita ao príncipe usar de *parrhesía* – na direção de ter a sua vida poupada, se o que for pronunciado seja perturbador para o que ouve, nessa relação de *parrhesía* é necessário um duplo compromisso – do que fala acerca de si, mas também do que ouve, como que assegurando que suportará participar do jogo como se deve, a fim de que tal pronunciamento cumpra o efeito pretendido. A *parrhesía* se manifesta na narrativa foucaultiana, tanto em relações marcadas pela desigualdade hierárquica, como em relações horizontalizadas, de busca por uma cura espiritual, por exemplo.

Importa, no entanto, retomar os elementos que distinguem tais práticas de si, mas observa-se que Foucault adiciona novas feições a cada momento, em cada parágrafo de sua fala transcrita.

Assim, tem-se entre esses elementos (Foucault, 2018b), como se pode interpretar do texto:

- longa duração dessa noção na Antiguidade [...];
- pluralidade de registros como prática de direção individual, além de pluralidade de significações que evoluirão também no campo político [...];
- obrigação do mestre, nessa relação, de dizer toda a verdade [...];
- possibilidade do discípulo de dizer tudo por conta própria ao mestre [...];
- ambiguidade em torno da valorização dessa prática (exemplo de desvalor nos cínicos) [...].

Foucault utiliza de vários casos da Antiguidade para exemplificar, por exemplo, as feições dessa prática na relação entre os súditos e o príncipe, mas também, na relação daqueles com o tirano.

A *parrhesía*, como se vê, não se manteve uniforme no percurso narrado por Foucault, pois adquiriu formas e efeitos diversos. Por exemplo, ao funcionar como estratégia de persuasão, como em Quintiliano, no qual Foucault atribui o “grau zero” da retórica e, mesmo se opondo a essa, posto que o sofista funcionava justamente como oposto do filósofo, como o exemplificado em Sócrates, que agia como aquele que não se indexa à verdade.

É justamente em Sócrates que Foucault reunirá todas as características de um dizer-a-verdade indexado a um compromisso com outro, que também significa uma resistência ao amor erótico e aos prazeres. Sócrates é esse condutor cuidadoso, paciente e temperante que, ao cumprir por designação divina, a missão de instar o outro a cuidar de si, é, também, o exemplo completo de parrhesiasta. Ele é aquele que diz a verdade e, conforme Foucault (2018b, p. 55), “não pertence nem à Erística e a uma arte de discutir, nem à Pedagogia e a uma arte de ensinar, nem à Retórica e a uma arte de persuadir, nem tampouco a uma arte da demonstração”.

Uma forma que enfatiza maior radicalidade no propósito de tudo dizer a um certo custo, é importante lembrar o caso de Platão diante de Dion, cujo preço era a morte. Isso porque “os sujeitos empreendem voluntariamente dizer-a-verdade, aceitando voluntária e explicitamente que esse dizer-verdade poderia lhes custar sua própria existência” (Foucault, 2018b, p. 56).

Certa forma de falar, a *parrhesía*, “é uma maneira de se vincular a si mesmo no enunciado da verdade, de vincular livremente a si mesmo e na forma de um ato corajoso” (Foucault, 2018b, p. 64). Em outras palavras, “é a ética do dizer-a-verdade, em seu ato arriscado e livre” (Foucault, 2018b, p. 64). Vínculo, portanto, entre a verdade e a liberdade, mas a um certo preço e que comporta efeitos “de retorno” sobre o próprio sujeito por meio do vínculo desse ao enunciado, que contém um certo número de consequências, de possibilidades que lhes serão desfavoráveis, e que afetarão o modo de ser do sujeito. Forma dramática do discurso

verdadeiro, como aponta Foucault (2018b), prática que faz com que o sujeito que fala, se constitua como aquele que fala a verdade, porque pensada como tal e, por essa razão, dirige o seu agir em determinada direção. Tal alinhamento entre pensamento, fala e ação é o que justamente se tem por coerência e que tantas vezes se exemplifica na figura do conselheiro (Foucault, 2018b).

Para encarnar tais elementos, Foucault dedica a terceira, a quarta e quinta aula daquele ano de 1983, assim como fizera com a temática de Alcibíades e tantas vezes com Édipo rei, bem como, acerca da Tragédia de Íon sobre a *parrhesía* nas tramas contidas entre os humanos e deuses, com especial atenção à Creusa com o seu desespero parresiástico e Íon diante do jogo da *parrhesía* entre direito, verdade e coragem.

Fundamental é, nesse itinerário, perceber como Foucault extrai dessas cenas elementos que revelam o real da Filosofia como uma escolha, um trabalho de si sobre si, como prática de alma e como um jogo que, do político ao filosófico, constitui-se como manifestação da verdade como ato de coragem e de resistência. Isso ficará mais claro na segunda parte de *A Coragem da Verdade*, quando Foucault esmiúça a sua narrativa sobre os cínicos, como exercício radical desse dizer-a-verdade.

### **A Coragem da Verdade em relação à Hermenêutica do Sujeito**

A *Hermenêutica do Sujeito*, anunciada já na quinta e penúltima aula do Curso de 1981 em Louvain, diz respeito ao início de uma problemática vinculada ao sujeito e à verdade.

Nesse Curso de 1982, Foucault busca referir-se à maneira como o sujeito se constitui por meio de práticas de autocrítica, exame e cuidado de si.

Assim, a *Hermenêutica do Sujeito* (Foucault, 2014) inicia sua reflexão sobre a verdade, examinando as práticas de subjetivação que remontam à filosofia greco-romana, nas quais o *souci de soi* (cuidado de si) é o foco principal. Para os antigos, o cuidado de si era pré-requisito para governar a si e aos outros de maneira ética. Esse curso explora como o sujeito, ao praticar um rigoroso exame de si, articula uma relação com a verdade que é tanto formadora quanto transformadora. Trata-se do início da investigação de Foucault que coloca o cuidado de si como prática filosófica e política e que irá findar-se, prematuramente, em *A Coragem da Verdade* de 1984.

Os diálogos de Sócrates com o Alcibíades revelam, nessa direção, a temperança do filósofo diante do discípulo negligenciado pela Pedagogia e pelo modo como dele se

aproveitaram seus enamorados. Ao contrário, Sócrates é aquele que incita o cuidado de si e que pratica a *parrhesía*, mesmo diante de seus julgadores e diante de seus discípulos, quando resiste às propostas de fuga e de defesa da própria vida. Nessa direção, a obra *Apologia de Sócrates* é um diálogo essencial para compreender a importância de sua coerência, de suas virtudes e de sua convicção quanto ao cumprimento de sua missão divina em despertar os atenienses “para cuidar da inteligência, da verdade e da tua alma para que se torna tão boas quanto possível” (Platão, 1999, p. 82).

Por outro lado, a confissão do dirigido na relação com o mestre importa em uma transformação importante, pois: “o princípio fundamental de que é preciso o dizer-verdadeiro sobre si mesmo a fim de se estabelecer com a verdade em geral uma relação tal que nela se possa encontrar a própria salvação, pois bem, é algo que de modo algum existiu na Antiguidade grega, helenista ou romana” (Foucault, 2014, p. 325).

Isso porque, “na história do Ocidente, quem é dirigido e quem é conduzido só passará a ter o direito de falar no interior da obrigação do dizer-verdadeiro sobre si mesmo, isto é, na obrigação da confissão” (Foucault, 2014, p. 325). É assim que algumas práticas arcaicas são apropriadas e transformadas por meio de instituições.

No curso de 1984, *A Coragem da Verdade*, o autor retoma sua discussão sobre a verdade, mas a articula com o ato de dizer a verdade e o mundo ao seu redor, conectando o sujeito não apenas ao seu próprio processo de autoconstrução, mas também as suas diferentes relações com outras pessoas.

Nesse sentido, o Curso de 1981 iniciou com uma linha de pensamento que seguirá até o seu último curso. Em medida que o curso de 1981, constitui as bases e as reflexões iniciais sobre o tema que será explorado nos cursos seguintes, mantendo a linha de pensamento e de discussão propostos neste curso, como se verá na seção seguinte.

### ***A Coragem da Verdade em relação ao Malfazer, Dizer a Verdade***

O Curso de Louvain (Foucault, 2018a) é singular em relação aos do *Collège de France*. Não apenas porque único, mas porque com apenas sete encontros e em visita a uma outra Instituição, é verdade, como fizera também aos Estados Unidos, ao Canadá, ao Japão e a tantos outros países após o ingresso nessa secular instituição francesa, Foucault fala a uma comunidade acadêmica bastante específica composta por juristas. Trata-se ainda de uma espécie de versão abreviada, com sete aulas e três entrevistas.

Os editores Brion e Harcourt sintetizam ainda, logo na segunda página da *Situação do Curso* (2018a) que, o que os respalda para tanto, foram três pontos de vista: o primeiro, diz respeito à Justiça Penal, para tomar a confissão como um meio de produção da verdade em Direito; o segundo trata do esgotamento da hipótese repressiva para pensar como a subjetivação produz sujeição; o terceiro e último se refere à História das Formas de Produção da Confissão para prosseguir no diálogo com Kant e com a perspectiva filosófica crítica.

Nesse cenário, o Curso de Louvain desempenha um papel crucial sobre a atualidade, uma vez que tensiona os movimentos punitivistas do Direito Penal para questionar, como se obtém a verdade, qual a sua natureza e como atuar no processo de subjetivação, isso para anunciar a trilogia final de seu percurso - *A Hermenêutica do Sujeito* - de 1982, *O Governo de Si e dos Outros* (também identificado como o primeiro) e *A Coragem da Verdade* (identificado também como o segundo ou a continuação do anterior).

Esta interligação desses Cursos com o de 1981 oferece elementos que sinalizam o binômio subjetividade-verdade como o eixo ético do domínio do ser-consigo, tão pouco estudado em razão das publicações e traduções tardias, mas que oferece um conjunto de possibilidades instigantes para uma carreira interrompida abruptamente há quarenta anos.

Por sua vez, o derradeiro Curso de Michel Foucault, de 1984, encerra uma trilogia e aprofunda a questão do dizer a verdade sobre si com um alto custo, inclusive de morte. Em 1981, a questão é justamente como esse *dire vrai sul soi* se institucionaliza e realiza a passagem de instituições eclesíásticas para judiciárias, a partir de uma codificação crescente da vida em mosteiros de ordens diversas.

Em 1981, Foucault (2018a) desencadeia todo um percurso da prática da confissão, de um processo de construção da verdade de si a partir da relação com um outro, que assumiu várias feições até a forma monástica, orientada pelos escritos de Cassiano.

Ainda assim, tal expressão da confissão não foi una, mas caracterizada segundo as várias ordens e regras de convivência e de ascese que orientaram a relação mestre-discípulo, confessor-penitente, orientador-orientando. São elementos que paulatinamente especificam modos de vida que se esvaziam, como característica geral, por meio da obediência e da submissão ininterruptas e de uma constante vigilância do sujeito sobre si, preocupada com a raiz de pensamentos, com a origem divina ou oposta de tais impulsos. Observa-se, assim, todo um trabalho do sujeito sobre si, toda uma renúncia a este mundo na forma que Foucault emprega - como mortificação - para uma vida que, ora pelo trabalho, ora pela mendicância, visa contemplar e alcançar a ponte para um outro mundo.

Hermenêutica do texto e hermenêutica do si, mencionadas na penúltima aula de 1981 no âmbito da contraposição instigante entre *exagóreusis* e *exomólogesis*, Foucault anuncia, em certo sentido, o que seria uma pista para o Curso de 1982, no *Collège de France*. Enquanto a primeira - *exagóreusis* - constitui-se como “forma contínua de verbalização” e proporciona “a abertura, o começo do que se pode chamar de “hermenêutica de si” [...] “necessária exploração de si mesmo, da necessária descoberta de uma verdade em si, da obrigação fundamental de dizer essa verdade” (Foucault, 2018a, p. 142-3).

Nesse sentido, verdade do texto revelada pelo dogma e verdade de si pela verbalização, pela fala. Ao contrário, a *exomólogesis* será marcada no pelo corpo, sobretudo em uma certa ritualização dramática de penitência.

Penitência essa que é um dos efeitos da confissão de faltas, por pensamentos, palavras, atos e omissões, ou seja, a contrapartida ou preço que se paga em função da desobediência ou do risco de se crer em uma ilusão da qual não se conhece ao certo a origem.

### Considerações Finais

A *Coragem da Verdade* foi buscada por algum tempo como uma espécie de testamento filosófico de Michel Foucault. Mais do que uma herança, Foucault realiza uma passagem preciosa e o encerramento de um ciclo. De sua promessa, no início da *Hermenêutica do Sujeito*, em 1982, Gallo (2019) lembra que não chega a cumprir a relacionada ao período do início da institucionalização da Igreja Cristã. Novamente, nos Cursos de 1983 e 1984, agora centrados na *parrhesía*, Foucault não trata detalhadamente desse momento, a não ser na última aula do Curso derradeiro, quando encerra um tanto quanto apressadamente para um longo período cronológico. Segundo Pereira; Vicentin (2021, p. 18):

É uma aula apoteótica, pois encerra o ciclo do pensamento foucaultiano na passagem de um ascetismo pagão a um ascetismo cristão e da apropriação do governo como direção de consciências, de submissão e de governamentalidade (22º ao 28º parágrafos). Foucault encerra com uma segunda parte voltada a análise de textos que testemunham esse percurso de uma *parrhesía* patrística, ascética, pureza e sabedoria, confiança na escuta e obediência como virtudes cristãs (30º ao 54º parágrafos).

A coragem da verdade expressa, nesse último Curso (Foucault, 2011), um longo percurso de atos e filosóficos como modo de vida, personificados pelos cínicos, que ousaram vivê-lo de forma radical para fazer coincidir pensamento, ação e discurso, a partir de um alinhamento tal, coerente e que expressa um sujeito que toma a Filosofia como armadura de vida e prática de existência.

Na atualidade, a Ética se constitui como instrumental ou ferramenta preciosa ainda na Formação Inicial Docente para a Educação Básica a fim de que licenciados percebam suas atitudes, sua relação com o outro e possam constituir elementos para uma prática que vá além do ensinar, do reproduzir, mas que possa se importar com o ser humano e ser pertinente quanto ao modo como se conduz as aprendizagens para que não se transformem em obstáculos para o próprio sujeito. É nesse sentido que Foucault afirma que é preciso “desaprender” algumas coisas (que se tenha ouvido, presenciado, aprendido) que se relacionam aos medos, às inquietações e aos traumas de educadores.

Na prática docente, como formadores dos futuros professores de crianças e de adolescentes, é preciso, pois, agir como um operador da reforma de si (Foucault, 2018b).

Em outro sentido, é preciso aprender a escutar. É preciso aprender as coisas de que dispõe o bom atleta. Tê-las à mão quando a ocasião necessária se apresentar. Constituir tal equipagem (ao longo da formação) equivale a tecer uma espécie de armadura que se ajusta ao sujeito e que, ao mesmo tempo, transforma-o e constitui o seu *ethôs* (Foucault, 2018b).

Constituir essa espécie de armadura de vida, como mecanismo que constitui o sujeito ético a partir de exercícios que fazemos sobre nós mesmos corajosamente (Foucault, 2011).

Em síntese, é necessário que se percebam, ainda no processo inicial de formação docente, como cuidadores de si como passagem obrigatória para cuidar do outro (Foucault, 2018b).

Importa tomar, portanto, essa apoteose foucaultiana como uma espécie de herança que não aprisiona aos que dela participam. Ao contrário, ela funciona como uma “caixa de ferramentas”, de instrumental analítico para extrair da História e com profunda atenção sobre os modos como tais relações se teceram, como se constituíram e, acima de tudo, integraram a constituição do sujeito no ocidente, sua subjetivação e sua relação com a verdade.

Verdade de si, verdade do mundo, verdade do outro mundo são, nesses três últimos Cursos de Michel Foucault implicações éticas fundamentais, mesmo quarenta anos após a sua morte, razão pela qual se celebra a relevância de suas investigações e de seus atos filosóficos de comunicação, de enunciação e de problematização que iluminam, certamente, o presente. O domínio das práticas é, pois, em Michel Foucault, um campo amplo a explorar por educadores e por formadores dos futuros professores da educação básica nacional.

## Agradecimentos

A todos os participantes dos encontros de fevereiro a novembro de 2024, pesquisadores, membros de grupos de pesquisas e profissionais da Educação, o nosso agradecimento pela disponibilidade para dialogar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. *A Coragem da Verdade* (O Governo de Si e dos Outros II). Curso no Collège de France (1983-1984). Edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, 339 p.

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). 3a. tir. da 3a. ed. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014 (Obras de Michel Foucault), 506 p.

FOUCAULT, M. *Malfazer, Dizer Verdadeiro: função da confissão em juízo*. Curso em Louvain, 1981. Edição estabelecida por Fabienne Brion e Bernard E. Harcourt. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018a, 325 p.

FOUCAULT, M. *O Governo de Si e dos Outros*. Curso no Collège de France (1982-1983). 4a. Tir. 1a. ed. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018b, 380 p.

GALLO, S. Michel Foucault e a Construção Conceitual do Cuidado de Si. *Linha Mestra*, ALB-Unicamp, n. 37, jan.-abr. 2019, p. 5-12. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/issue/view/11/showToc>. Acesso em 13.set. 2024.

GROS, F (Org.); ARTIÈRES, P. [et. al.]. *A coragem da verdade*. Trad. Marco Marcionilo; Pref. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LAËRTIOS, D. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2ª ed. Trad. Mário Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

PEREIRA, D.S.; VICENTIN, M. O Sentido de Retomar a Coragem da Verdade (1984). *Criar Educação*, Criciúma, v. 10, n. 2, 2021, p. 6-19. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6990>. Acesso em 17.fev. 2025.

PLATÃO. Diálogos. *Apologia de Sócrates*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. (Coleção Os Pensadores).

SILVEIRA, C.R. A Educação Socrática como "Modo de Vida": a imagem do "cuidado de si" na beleza poética do sátiro. *Horizontes*, Itatiba, v. 32, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/180>. Acesso em 17.fev. 2025.

SILVEIRA, C.R.; MASCIA, M.A.A.; AZEREDO, L.A.S. Filosofia e Educação como "modo de vida": o cuidado de si, do outro e o agradecimento a Asclépio. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 34, n. 70, p. 279-306, 2020.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/51259>. Acesso em 17.fev. 2025.